

AS PALAVRAS DO COOPERATIVISMO: QUEM PERDE O VOCABULÁRIO PERDE A DOUTRINA

Sobra não é lucro, associado não é cliente e assembleia não é reunião: o nosso vocabulário é a última fronteira entre a doutrina de Rochdale e o mercado comum.

Por Aínor Francisco Lotério — Engenheiro Agrônomo, Mestre em Gestão de Políticas Públicas, Bacharel em Filosofia e em Teologia, Extensionista Rural, Cooperativista e Diácono Permanente.

EXISTEM MOVIMENTOS QUE MORREM DE FALÊNCIA E EXISTEM MOVIMENTOS QUE MORREM DE AFASIA. Cada termo do nosso idioma guarda uma decisão ética tomada por alguém antes de nós. Quando um associado chama sobra de lucro, quando um dirigente chama assembleia de reunião, quando um jovem chama cooperativa de empresa, houve uma pequena perda de doutrina que ninguém lançou em balanço.

O IDIOMA QUE NASCEU EM TOAD LANE

Em 21 de dezembro de 1844, vinte e oito tecelões empobrecidos abriram um armazém modesto na Toad Lane, em Rochdale, e escreveram regras que pareciam apenas práticas. Aquelas regras não fundaram somente um armazém: fundaram uma língua.

Cada expressão nasceu por necessidade, não por erudição. Quando os Probos Pioneiros precisaram nomear o excedente que devolviam aos sócios, não puderam usar a palavra lucro, porque lucro é remuneração do capital investido e ali se tratava de devolução do que fora cobrado a mais de quem usou o serviço. Nasceu a palavra sobra. Quando precisaram nomear aquele que era ao mesmo tempo cliente e dono, não puderam usar nem cliente nem acionista. Nasceu o associado. Da Inglaterra veio a inspiração, e o tempo apenas aperfeiçoou: os princípios receberam sua formulação atual no Congresso de Manchester, em 1995, mas a raiz continua sendo aquela loja pobre.

A PALAVRA É A CASCA QUE PROTEGE A SEMENTE

Ao longo de mais de quarenta anos ministrando cursos de doutrina e educação cooperativista, aprendi a diagnosticar a saúde de uma cooperativa pelo modo como as pessoas falam dentro dela. Não pelos balanços, que qualquer contabilidade competente organiza bem. Pelo vocabulário espontâneo do corredor, do pátio, da fila da assembleia.

Onde o associado diz *eu vendi para a cooperativa*, há um cliente. Onde diz *eu entreguei minha produção*, há um cooperado. Onde o colaborador diz *o pessoal lá de cima decidiu*, há uma empresa comum. Onde diz *a assembleia decidiu*, há uma cooperativa viva. Onde o dirigente diz *meus associados*, há um patrão disfarçado de presidente. Onde diz *ossos associados*, há um mandatário consciente de que ocupa uma cadeira emprestada.

Quando a casca se rompe, a semente resseca em silêncio, e ninguém percebe a perda até o dia em que a cooperativa acorda funcionando exatamente como qualquer empresa de mercado, com a desvantagem de carregar uma estrutura societária cujo sentido já esqueceu.

AS SEIS FAMÍLIAS DO NOSSO VOCABULÁRIO

As palavras da **estrutura** dizem o que somos: cooperação, cooperativa, cooperativismo, associativismo, mutualismo, intercooperação, autogestão, dupla natureza, quadro social, ramo, singular, central, confederação.

As palavras dos **valores** dizem por que existimos: ajuda mútua, autorresponsabilidade, democracia, igualdade, equidade, solidariedade, honestidade, transparência, responsabilidade socioambiental, preocupação com o próximo.

As palavras dos **princípios** dizem como funcionamos: adesão livre e voluntária, gestão democrática, participação econômica dos membros, autonomia e independência, educação e formação, intercooperação, interesse pela comunidade. São sete, e o quinto existe para garantir a sobrevivência dos outros seis.

As palavras da **gestão** dizem como decidimos: assembleia geral ordinária e extraordinária, quota-parte, capital social, integralização, estatuto social, regimento interno, conselho de administração, conselho fiscal, prestação de contas, governança, núcleo, comitê educativo.

As palavras da **economia própria** dizem como repartimos: ato cooperativo, ato não cooperativo, sobras líquidas, retorno, perdas, rateio, Fundo de Reserva, FATES, entrega da produção, complemento de preço. Aqui os equívocos custam caro, porque cada termo tem consequência jurídica e tributária.

As palavras da **pessoa** dizem quem sustenta tudo isso: cooperativista, pertencimento, participação, fidelidade, confiança, corresponsabilidade, sucessão, juventude cooperativista, núcleo feminino, identidade cooperativa.

TRÊS ERROS QUE PRECISAM SER CORRIGIDOS

Chamar **sobra de lucro**. Lucro pertence a quem aportou capital e se distribui na proporção desse aporte. Sobra líquida pertence a quem usou os serviços e se devolve na proporção desse uso. São dois mundos morais distintos, e quem confunde os termos acaba confundindo também os critérios de distribuição.

Chamar de **cooperante** quem a lei chama de **associado**. Cooperante é quem colabora eventualmente, sem quota-parte, sem voto e sem responsabilidade. Associado é quem assinou, integralizou, votou e responde. A Lei 5.764/1971 usa associado do começo ao fim, e usa por bom motivo.

Chamar a **assembleia de reunião**. Reunião se convoca e se desmarca por conveniência. Assembleia geral é órgão soberano, com edital, prazo, quórum e ata, e suas decisões vinculam até quem votou contra e até quem não compareceu. Toda vez que uma assembleia é tratada como reunião, o poder migra silenciosamente para outro lugar.

O QUE APRENDI EM QUARENTA ANOS DE ESTRADA

Confesso sem constrangimento que o cooperativismo é uma paixão da minha vida — tanto que foi esse o nome que dei ao meu livro, *Paixão pelo Cooperativismo*. Nasci dentro dele. Meu pai, Auri Fábio Lotério, foi um dos fundadores do cooperativismo no Alto Vale do Itajaí, pioneiro da CRAVIL e do serviço de extensão rural, e me ensinou, muito antes de qualquer manual, que cooperar não é técnica de mercado, é forma organizada de amar o próximo. Aprendi o vocabulário antes de aprender a doutrina, porque em casa se falava assim.

Depois vieram a CACAC, a Acaresc que se tornou Epagri, os núcleos femininos, os programas de juventude, os conselhos, as assembleias e as feiras, de Santa Catarina a Goiás. Em todos esses ambientes, a primeira coisa que ensino não é gestão. É vocabulário. Levo o violão, canto o hino do movimento, porque o que entra pela emoção permanece quando os slides já foram esquecidos. Mas o que fica escrito na memória do grupo, depois que a música termina, são as palavras exatas.

A Agrosafia me ensinou uma lei simples: em agricultura, quem não sabe o nome da planta não sabe manejar a lavoura. No cooperativismo vale o mesmo. Quem não sabe nomear o que possui não sabe defender o que possui.

UM CONVITE À PRECISÃO

Leve a lista das palavras do cooperativismo para a sua próxima reunião de núcleo. Leia em voz alta, termo por termo, e pergunte ao grupo o que cada um significa. Você vai descobrir quantos associados de vinte ou trinta anos de casa nunca souberam o que é ato cooperativo, para que serve o FATES ou por que o voto não acompanha o capital.

Corrija o vocabulário nos comunicados, nas atas, nas falas de abertura. Ensine as palavras aos jovens antes de ensinar-lhes indicadores. Cobre a linguagem correta dos dirigentes, com respeito e sem medo, porque quem ocupa cargo eletivo tem o dever de falar a língua da instituição que representa.

O cooperativismo não desaparece por quebra. Desaparece quando as palavras que o distinguem vão sendo trocadas, uma a uma, pelas do mercado comum, até que não sobre nenhuma diferença para explicar aos filhos.

REFERENCIAL ESSENCIAL

- ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL. **Declaração sobre a Identidade Cooperativa**. Manchester, 1995.
- BRASIL. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971**. Define a Política Nacional de Cooperativismo. Brasília, DF, 1971.
- BECHO, Renato Lopes. **Elementos de direito cooperativo**. São Paulo: Dialética, 2002.
- BULGARELLI, Waldirio. **As sociedades cooperativas e a sua disciplina jurídica**. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.
- HOLYOAKE, George Jacob. **Os 28 tecelões de Rochdale**. Porto Alegre: WS Editor, 2000.
- MACPHERSON, Ian. **Princípios cooperativos para o século XXI**. Genebra: ACI, 1995.
- PINHO, Diva Benevides. **O cooperativismo no Brasil: da vertente pioneira à vertente solidária**. São Paulo: Saraiva, 2004.
- SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, participação e autonomia cooperativa**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Paixão pelo Cooperativismo**. Camboriú: Edição do autor.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. Capítulo publicado em: **Cooperativismo e Associativismo em Santa Catarina no Contexto da Imigração Alemã para o Sul do Brasil**.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. **O Hino do Cooperativismo: a doutrina que se canta em versos**. Disponível em: www.loterio.com.br.

Equipe AINOR LOTÉRIO — Palestras e Cursos

ainorfloterio@gmail.com · WhatsApp (47) 99967-5010 · Camboriú / SC

www.ainor.com.br · www.loterio.com.br